



Orixás nas religiões afro-brasileiras: complexidade, sincretismo e a manifestação anual da procissão à Xangô em Caldas Novas

Secília Rodrigues Rosa¹

Resumo: Este artigo explora a complexidade das religiões afro-brasileiras, com foco na veneração dos Orixás e na especificidade do sincretismo religioso. Inicia-se com uma análise das compreensões teóricas de Pierre Verger e Reginaldo Prandi, destacando a riqueza das representações e interpretações dos Orixás e como essas reflexões espirituais são fundamentais para as práticas religiosas afro-brasileiras. O estudo também destaca a diversidade regional e as variações na inspiração dos Orixás, evidenciando como essa espiritualidade se adaptou e evoluiu ao longo do tempo e do espaço, tanto na África como no Brasil, especialmente durante o período da escravidão. Além disso, analisamos a Procissão à Xangô em Caldas Novas, Goiás, para identificar como as religiões afro-brasileiras continuam a desempenhar um papel crucial na sociedade contemporânea. Este evento anual não apenas celebra a fé e a cultura afro-brasileira, mas também atua como um contraponto à intolerância religiosa, promovendo o entendimento e o respeito pela diversidade espiritual. O artigo ressaltar a importância do sincretismo religioso como uma estratégia de preservação das tradições afro-brasileiras, que se mesclaram com elementos do catolicismo, criando uma identidade única e resiliente. Além disso, destaca a relevância de combater a intolerância religiosa em todas as suas formas.

Palavras-chave: Orixás. Religiões Afro-Brasileiras. Intolerância Religiosa. Procissão a Xangô.

Introdução

As religiões afro-brasileiras representam uma parte essencial do rico tecido cultural e espiritual do Brasil. Em meio à diversidade religiosa que caracteriza esse país, as tradições religiosas de matriz africana desempenham um papel fundamental, fornecendo uma perspectiva única sobre a espiritualidade, a identidade e a resiliência das comunidades afrodescendentes. Neste artigo, exploramos o universo dos Orixás, entidades espirituais veneradas nas religiões afro-brasileiras, com um foco especial nas compreensões teóricas apresentadas por Pierre Verger e Reginaldo Prandi. Além disso, examinamos o fenômeno do sincretismo religioso, que moldou profundamente a prática religiosa afro-brasileira, bem como a manifestação anual da

¹ Mestranda em História pelo PPGHIS-UEG.



Procissão à Xangô em Caldas Novas, Goiás, como um exemplo vivo da luta contra a intolerância religiosa.

Para compreender adequadamente as religiões afro-brasileiras, é essencial mergulhar na complexidade dos Orixás, as deidades espirituais que desempenham um papel central nessas tradições. A compreensão inicial dessas entidades, muitas vezes simplista e reducionista, foi criticada por estudiosos como Pierre Verger e Reginaldo Prandi, que nos convidam a explorar a profundidade de sua natureza. Os Orixás não são apenas figuras mitológicas; eles são ancestrais divinizados, pontes entre o mundo dos vivos e dos mortos, e agentes de proteção e orientação espiritual nas comunidades afro-brasileiras. Ao reconhecer sua complexidade, abrimos uma porta para uma apreciação mais profunda das tradições religiosas que têm suas raízes nas terras africanas.

A história das religiões afro-brasileiras está intrinsecamente ligada ao sincretismo religioso que ocorreu quando os africanos escravizados foram trazidos para o Brasil durante o período colonial. Diante da imposição da religião católica dominante, os praticantes das religiões africanas encontraram maneiras de manter suas crenças e práticas espirituais. Assim nasceu o sincretismo religioso, uma fusão de elementos do catolicismo com as tradições africanas. Essa adaptação permitiu que os Orixás fossem associados a santos católicos, preservando suas práticas e identidade espiritual.

Os Orixás desempenham um papel multifacetado nas comunidades afro-brasileiras. Eles são considerados ancestrais divinizados, cuja influência se estende a diversas áreas, desde a cura até o conhecimento das propriedades das plantas. Através do fenômeno da incorporação, os Orixás podem temporariamente habitar os corpos de seus seguidores, permitindo a comunicação direta entre o mundo espiritual e o terreno. Essa relação de respeito e dependência é fundamental para a coesão das comunidades e a perpetuação das tradições.

A Procissão à Xangô, realizada anualmente em Caldas Novas, Goiás, é um exemplo notável de como as religiões afro-brasileiras são vivenciadas e celebradas no Brasil contemporâneo. Idealizada por líderes religiosos como Pai Wellington de Xangô e Mãe Flor de Oxum, essa manifestação pública vai muito além de uma simples procissão religiosa. Ela serve como um contraponto crucial à intolerância religiosa que, infelizmente, ainda persiste em



muitas partes do país. Este evento, realizado no mês de junho, representa um testemunho vivo de como a comunidade afro-brasileira enfrenta e supera a discriminação religiosa, compartilhando sua fé e cultura com a sociedade em geral.

Em 2023, a Procissão à Xangô em Caldas Novas enfrentou desafios financeiros e falta de apoio local, resultando em uma mudança no formato do evento. Apesar dessas dificuldades, a comunidade perseverou, realizando o evento em locais alternativos. O encontro incluiu palestras, debates, depoimentos e apresentações culturais que destacaram a importância do respeito à diversidade religiosa e a inclusão de comunidades LGBTQIA+ nas religiões de matriz africana.

As religiões afro-brasileiras e os Orixás desempenham um papel vital na identidade espiritual e cultural do Brasil. O sincretismo religioso demonstra a capacidade de adaptação e resiliência das comunidades afrodescendentes. A Procissão à Xangô em Caldas Novas é um exemplo inspirador de como essas tradições continuam a prosperar e a combater a intolerância religiosa. Este artigo busca lançar luz sobre a complexidade dessas religiões e sua importância na diversidade religiosa do Brasil. Através do entendimento e respeito mútuo, podemos construir uma sociedade mais inclusiva e tolerante para todas as crenças e culturas.

A Complexidade dos Orixás e sua Jornada nas Religiões Afro-Brasileiras

Ao explorar o universo dos Orixás, percebemos a extensiva diversidade de suas representações e a profundidade de sua presença nas religiões afro-brasileiras. Compreender essa ampla esfera é um desafio, e é somente por meio da historiografia que conseguimos acessar as variadas interpretações que existem. Iniciamos nossa jornada com o texto "Os Orixás", no qual o autor, logo de início, nos introduz à discussão:

O termo “Óriṣà” nos parecera outrora relativamente simples, da maneira como era definido nas obras de alguns autores que se copiaram uns aos outros sem grande discernimento, na segunda metade do século passado e nas primeiras décadas deste. Porém, estudando o assunto com mais profundidade, constatamos que sua natureza é mais complexa (Verger, 2005, p. 1).



O autor aponta para a existência de uma compreensão inicialmente simplista do termo "Órìṣà", que foi perpetuada por obras literárias no passado, particularmente na segunda metade do século anterior e nas primeiras décadas do atual. A crítica implícita aqui é à falta de originalidade e análise crítica entre os autores dessas obras, que aparentemente se limitaram a replicar as informações uns dos outros sem um entendimento mais profundo ou investigação própria. Ou seja, é comum visões superficiais ou reducionistas dos Órìṣàs, que são revelações ou deidades espirituais veneradas em várias religiões africanas e suas diásporas, incluindo, mas não se limitando, às práticas religiosas afro-brasileiras. Tradicionalmente, cada Órìṣà tem suas próprias narrativas, poderes, objetos sagrados, núcleos, comidas e dias de celebrações, entre outros aspectos, o que contribui para uma complexidade que parece ter sido negligenciada ou subestimada pelos autores anteriores. É preciso compreender a riqueza de histórias, simbolismos, práticas rituais, e talvez até variações regionais ou interpretativas dentro do culto dos Órìṣàs que não foram devidamente reconhecidas ou entendidas anteriormente.

Atualmente, setenta anos depois, ainda não há, em todos os pontos do território chamado Iorubá, um panteão dos orixás bem hierarquizado, único e idêntico. As variações locais demonstram que certos orixás, que ocupam uma posição dominante em alguns lugares, estão totalmente ausentes em outros. O culto de Xangô, que ocupa o primeiro lugar em Oyó, é oficialmente inexistente em Ifê, onde um deus local, Oramfé, está em seu lugar com o poder do trovão. Oxum, cujo culto é muito marcante na região de Ijexá, é totalmente ausente na região de Egbá. Iemanjá, que é soberana na região de Egbá, não é sequer conhecida da região de Ijexá (Verger, 2005, p. 1).

Assim, compreendemos que os orixás, originários do continente africano, apresentam diferenças significativas de uma região para outra; não existe uma uniformidade no culto ou nas referências relacionadas a essas questões. Quando os africanos foram trazidos para o Brasil como escravos, eles não possuíam apenas uma notável capacidade de adaptação, mas também carregavam suas ideias e práticas religiosas. No Brasil, suas tradições se entrelaçaram com os cristãos predominantemente da época, especificamente como a Igreja Católica Apostólica Romana, que era uma instituição religiosa dominante devido à influência de Portugal, um país católico.

Como os africanos não tinham permissão para praticar abertamente sua religião, eles habilmente incorporaram o culto aos santos católicos em suas práticas, resultando em um



sincretismo religioso que também abarcava os indígenas já existentes no território brasileiro, bem como os dos cristãos católicos. Essa comunicação não se limitou apenas ao âmbito familiar ou comunitário, mas se expandiu para incorporar planos e práticas culturais de territórios vizinhos, inclusive entre os iorubás, na África. Como Verger indica, alguns orixás eram venerados além das fronteiras familiares e regionais, uma prática que era comum nesses locais.

Alguns orixás constituem o objeto de um culto que abrange quase todo o conjunto dos territórios iorubás, como, por exemplo, Òrìṣàálá, também chamado Obàtálá, divindade da criação, estende-se até o vizinho território do Daomé, onde Òrìṣàálá torna-se Lìsa, e cuja mulher Yemowo tornou-se Mawu, o “deus supremo” entre os fun, ou então Ògún, deus dos ferreiros e de todos aqueles que trabalham com o ferro, cuja importância das funções ultrapassa o quadro familiar de origem.

Algumas divindades reivindicam as mesmas atribuições em lugares diferentes Sàngó, em oyó; Oramfè, em Ifé; Aira, em savé. São todos senhores do trovão. Ògún tem competidores, guerreiros e caçadores em diversos lugares, tais como: Ija em torno de Oyó, Òṣòòsi em Kêto, Òre em Ifé, assim como Lógunéde, Ibùalám e Erinlè na região de Ijexá. Osanyìn entre os oyó desempenha o mesmo papel de curandeiro que Elésije em Ifé. Aje Saluga em Ifé e Òsúmáré mais a oeste são divindades da riqueza (Verger, 2005, p. 2).

Na África, as famílias, geralmente extensas, mantinham-se fieis às tradições ancestrais, com os membros mais velhos preservando e transmitindo o conhecimento. Dentro desse contexto, os orixás eram vistos como “ancestrais divinizados”, entidades espiritualmente elevadas que se conectavam com as forças da natureza, proporcionando proteção à família. Eles possuíam a capacidade de possuir temporariamente membros de seu círculo familiar, uma influência durante o qual os indivíduos possuídos adquiriram habilidades especiais, como a cura e um conhecimento profundo das propriedades medicinais das plantas.

Essas pessoas, quando sob a influência dos orixás, também tinham a capacidade de garantir a prosperidade em atividades essenciais como a agricultura, a caça e a pesca, desempenhando assim um papel crucial na sobrevivência e no bem-estar da comunidade. Além disso, os orixás, profundamente enraizados na estrutura familiar, serviram como pontes entre o reino dos vivos e dos mortos, consolidando um vínculo vital entre esses dois domínios. Como Verger aponta, essa conexão reforçaria o tecido comunitário e cultural, sustentando uma interação contínua entre os espíritos ancestrais e seus descendentes vivos.

A religião dos orixás está ligada à noção de família. A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O orixá seria, em princípio,



um ancestral divinizado, que, em vida, estabelecera vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. O poder, àse, do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada (Verger, 2005, p. 2).

Lendas sobre a origem dos orixás são transmitidas de geração em geração, retratando essas entidades por vezes como protetoras, auxiliando seu povo e seus descendentes a prosperar em atividades como agricultura, caça e pesca. Em outros momentos, as histórias falam de orixás irados, capazes de devastar nações inteiras e destruir cidades como resultado de sua fúria, muitas vezes provocada pelo esquecimento ou negligência do povo para com eles.

Os sacrifícios são práticas fundamentais realizadas para aplacar e honrar os orixás, com animais frequentemente oferecidos como o vínculo simbólico entre os humanos e o divino. Essas demonstrações, entendidas como forças obrigatórias imanentes, tornam-se aparentes para seus seguidores principalmente através do processo de incorporação. O indivíduo que é escolhido para a incorporação é visto como abençoado, pois recebe a extraordinária honra de ser "montado" pelo orixá, estabelecendo assim uma conexão direta entre o mundo dos vivos e o reino espiritual.

É importante notar que os orixás não discriminam com base no gênero, podendo incorporar-se tanto em homens quanto em mulheres. Durante a incorporação, prevalece uma noção de submissão e dependência do indivíduo para com a divindade que o ocupa. Esta relação ressalta o respeito profundo e a reverência que os praticantes têm para com esses seres espirituais poderosos, reforçando o papel vital que desempenham na orientação espiritual, cultural e social de suas comunidades.

Segundo Verger:

O orixá é uma força pura, àse imaterial que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles. Esse ser escolhido pelo orixá, um de seus descendentes, é chamado seu *elégùn*, aquele que tem o privilégio de ser “montado”, *gùn*, por ele. Torna-se o veículo que permite ao orixá voltar a terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram. Os *elégùn* muitas vezes são chamados *iyawóorishà* (iaô), mulher do orixá. Este termo tanto se aplica aos homens quanto às mulheres e não evoca uma ideia de união ou de posse carnal, mas a de sujeição e de dependência, como antigamente as mulheres o eram aos homens (Verger, 2005, p. 3).



As histórias dos orixás destacam promessas por proteção divina e reverência familiar aos ancestrais, um tesouro cultural. Contudo, as missões cristãs, a partir das noções cristãs, distorceram essas crenças africanas, especialmente os sacrifícios de animais, que eram, na realidade, rituais comunitários sagrados geridos por indivíduos possuídos por orixás. Apesar de envolvidas nas práticas religiosas, as mulheres ocupavam um status inferior; ao se casarem, os orixás do marido definiam a fé dos filhos, confiando-as a um papel secundário na perpetuação da linhagem espiritual.

Orixá, ancestral divinizado, é um bem de família, transmitido pela linhagem paterna. Os chefes das grandes famílias, os balè, delegam geralmente a responsabilidade do culto ao orixá familiar, a um ou uma aláàşe, guardião do poder do deus, que dele cuidam ajudados pelos elégùn, que serão possuídos pelo orixá em certas circunstâncias.

As mulheres da família participam das cerimônias e podem se tornar elégùn do orixá da família paterna; mas, se forem casadas, é o orixá da família de seu marido que será o de seus filhos. Elas têm assim uma posição um pouco marginalizada na família do marido. São consideradas somente como doadores de filhos, mas não são integradas completamente em seu novo lar. Quando morrem, seu cadáver volta para a casa paterna, onde são enterradas. Mesmo em sua própria família, não têm posição estável, compatível à dos homens (Verger, 2005, p. 4).

Nas religiões dos orixás, o culto é direcionado aos antepassados, específico para determinadas famílias, tornando a expansão do culto irrelevante para quem não pertence à linhagem. Ausente de proselitismo ou intolerância, essa fé é profundamente familiar, com orixás exclusivos para cada família. Embora exista um deus supremo, ele permanece distante e inalcançável, deixando os orixás, suas criações, para governar e responder às necessidades humanas, enquanto ele próprio se reserva ao papel de juiz das contendas entre os orixás.

Acima dos orixás, prevaleceu uma supremacia, Olódùmarè, cujo significado do nome é incerto. Esta entidade mantém-se remota, alheia às súplicas humanas e insondáveis aos mortais. Olódùmarè designou os orixás para administrar o mundo, tornando-os foco das orações e oferendas das pessoas, embora ele próprio intervém em conflitos entre essas atividades menores. Os orixás e ebóras atuam como pontes entre Olódùmarè e a humanidade, possuindo poderes concedidos por ele.



Na África, os orixás são frequentemente associados a uma cidade específica ou até mesmo a uma nação, variando seu culto com a migração das populações. Um orixá pode ser adorado por um grupo extenso sob a supervisão de um sacerdote, ou de maneira mais íntima por uma única família, dependendo do tamanho do grupo migratório. Quando os africanos foram levados ao Brasil, a natureza do culto se transformou, com o orixá se tornando uma presença individual para o escravo deslocado, separado de seu contexto familiar.

As diferenças também marcaram a prática religiosa entre a África e o Brasil. Na África, os sacerdotes lideravam os cultos, com outros membros da família contribuindo e participando conforme desejassem, respeitando as tradições. No Brasil, porém, o desejo requeria filiação a um terreiro e submissão às diretrizes de um pai ou mãe de santo. A vasta gama de orixás no Brasil reflete a dispersão dos africanos, e a devoção se concentra no orixá específico do terreiro, simbolizando a reunificação dos crentes.

Em narrativas afro-brasileiras sobre a gênese do universo, Prandi (2007) relata a angustiante jornada de uma escrava, Adetutu, nos navios negreiros. A história enfoca sua dor e saudade, evidenciando a maneira como se apegou aos orixás para suportar o sofrimento. Separada de seus filhos, Adetutu estava submersa em tristeza, lembrando-se constantemente de Taió e Caiamdê, cujos rostos talvez nunca mais visse.

Os escravizados foram aprisionados na África e transportados através do Atlântico em navios negreiros, suportando condições desumanas e angústia emocional (Prandi, 2007). Adetutu, enfrentou um sofrimento inimaginável, encontrou algum consolo nos sonhos, onde revisitava seu mundo perdido e se reconectava com Xangô, o orixá a quem servia devotadamente. Mesmo distante, ela sentiu a presença e o encorajamento de Xangô, o que lhe proporcionou um vislumbre de esperança (Prandi, 2007).

Esses orixás, considerados deuses pelos iorubás, acompanharam os escravizados em suas memórias e pensamentos, oferecendo-lhes inspiração e resiliência para enfrentar adversidades. Mesmo no meio do desespero, essas entidades divinas continuaram a representar um ideal de resistência e eternidade. Durante a travessia, Adetutu e outros escravizados se apegaram aos orixás em sonhos, reacendendo suas esperanças e revivendo a criação mítica do mundo (Prandi, 2007).



Os orixás, originários dos povos iorubás da região que hoje compreendem principalmente a Nigéria e o Benim, foram trazidos ao Brasil pelos escravizados, que mantiveram suas tradições, particularmente sua religião (Prandi, 2007). As religiões afro-brasileiras, politeístas em sua essência, derivam de uma rica tapeçaria de crença. Na cosmologia iorubá, Olorum, o deus supremo, criou os orixás e os designou para governar o mundo, enquanto ele próprio permanece distante (Prandi, 2007).

No contexto brasileiro, onde o catolicismo era uma religião dominante, os praticantes das religiões afro-brasileiras frequentemente sincretizaram seus deuses com os santos católicos para preservar sua prática religiosa. Os orixás, intimamente ligados às forças da natureza, também foram associados aos antepassados, fortalecendo a identidade cultural e espiritual dos praticantes (Prandi, 2007).

No Brasil, o sincretismo foi uma consequência natural da convivência forçada de escravizados de diversas origens e minorias. Isso intensificou o intercâmbio entre diferentes panteões africanos, promovendo uma rica confluência de influência e práticas. No entanto, com a desintegração das estruturas familiares tradicionais devido à escravidão, os laços de linhagem foram cortados, levando à necessidade de novas formas de determinar a ascendência espiritual, como a consulta aos búzios (Prandi, 2007).

Apesar das origens traumáticas e da discriminação contínua, as religiões afro-brasileiras persistem, com os orixás oferecendo orientação e proteção. Eles transcendem suas raízes africanas, tornando-se divindades universais veneradas por pessoas de todas as origens.

A Manifestação Anual da Procissão à Xangô e o Combate à Intolerância Religiosa em Caldas Novas/Goiás

Os orixás, como estudamos nos itens anteriores chegaram ao Brasil com os africanos escravizados, trazidos em navios apertados, sem higiene e muito sofrimento. Na África, as famílias, geralmente extensas, mantinham-se fieis às tradições ancestrais, com os membros mais velhos preservando e transmitindo o conhecimento. Dentro desse contexto, os orixás eram vistos como “ancestrais divinizados”, entidades espiritualmente elevadas que se conectavam



com as forças da natureza, proporcionando proteção à família. Eles possuíam a capacidade de possuir temporariamente membros de seu círculo familiar, uma influência durante o qual os indivíduos possuídos adquiriram habilidades especiais, como a cura e um conhecimento profundo das propriedades medicinais das plantas.

Hoje essas divindades continuam a serem cultuadas através dos adeptos das religiões Afro-Brasileiras. A Procissão à Xangô é um exemplo de que a fé nos orixás continua, são momentos de louvação, de muito axé a essas divindades trazidos pelos africanos. Hoje em nosso país existem Leis que garantem o direito de professar a fé, direito de liberdade religiosa conforme a Constituição Federal Art. 5º - “VI é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

A Procissão a Xangô é uma importante manifestação pública de uma religião de matriz africana que ocorre anualmente em Caldas Novas, Goiás. É um evento profundamente significativo, cuja concepção remonta a 2016, quando foi idealizado por dois notáveis líderes religiosos, Pai Wellington de Xangô e Mãe Flor de Oxum. A Procissão à Xangô representa um momento de extrema relevância no calendário anual da cidade para seus adeptos, e seu propósito vai além de ser apenas uma manifestação religiosa. Ela atua como um contraponto essencial à intolerância religiosa que, lamentavelmente, ainda persiste nesta e em muitas outras cidades do Brasil.

Este evento, realizado anualmente no mês de junho, é muito mais do que uma simples procissão; ele se transformou em uma manifestação cultural e espiritual, conta com a união das diversas casas de religiões de matriz africana presentes na cidade de Caldas Novas. Sua missão é clara: contribuir para a disseminação do entendimento sobre a diversidade religiosa na região. A Procissão a Xangô é um testemunho vivo de como a comunidade afro-brasileira enfrenta e supera a intolerância religiosa, ao tomar as ruas da cidade como palco e se apresentar como um evento que celebra tanto a fé quanto o axé que permeiam essa rica tradição espiritual.

No entanto, em 2023, devido a vários motivos, especialmente questões financeiras e a falta de apoio das empresas locais, a Procissão a Xangô não pôde ocorrer pelas ruas da cidade como de costume. Em vez disso, o evento foi realizado à parte da manhã na Câmara Municipal



de Caldas Novas e à tarde no Casarão dos Gonzaga. Embora diferentes do formato tradicional, esses momentos ainda foram repletos de axé e proporcionaram aprendizados.

O evento ocorreu em 24 de junho de 2023, com a maioria dos participantes vestidos de branco, em trajes relacionados às religiões de matriz africana. Na sessão da manhã na Câmara dos Vereadores contou com a presença de representantes de várias casas de religiões afro-brasileiras, membros dos ministérios federais de Brasília e o vereador local, Professor Rodrigo. Durante esse período, uma oferta a Xangô foi apresentada diante do palco, contendo flores, frutas, bebidas e outros itens tradicionais.

O 6º Encontro à Xangô incluiu palestras, exposição de artesanatos, apresentações de Congada e performances culturais com atabaques. O cronograma do evento começou às 8h com o credenciamento e inscrição para as rodas de conversa. A abertura oficial ocorreu às 8h30, com o Hino Nacional e o Hino da Umbanda. Seguiram-se debates sobre temas importantes, como “Mulheres de Terreiro” e “LGBTQIA+ de Terreiro”. O evento na Câmara Municipal encerrou às 11h30.

Notavelmente, a ausência do prefeito da cidade no evento deixou muitos participantes intrigados, especialmente considerando a importância do evento para a comunidade religiosa de matriz africana. Após o coffee break também estiveram presentes o Vereador Claudinho Costa, e Andrei Barbosa e a secretaria de Turismo da Cidade Elaine Fernandes dos Santos, mas chegaram com atraso ao evento, o que também causou questionamentos.

Apesar disso, as palestras e as explicações ocorreram com organização e motivação. Palestrantes como Iêda Leal, da Secretaria de Gestão do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial, enfatizaram a importância do respeito à diversidade e do estímulo religioso sem discriminação. Houve também depoimentos, como o de Ekedí Fernanda, destacando a acessibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas religiões de matriz africana.

Kaio Vasconcellos, coordenador da Diretoria de Promoção e Defesa da Secretaria Nacional LGBTQIA+ do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, enfatizou a necessidade de políticas públicas e de usar as religiões de matriz africana como espaços de acolhida para essa população. Também ressaltou a importância de denunciar discursos preconceituosos.



O evento incluiu homenagens aos idealizadores Pai Wellington de Xangô e Mãe Flor de Oxum, bem como apresentações culturais, como a Congada e atabaques. A tarde no Casarão dos Gonzaga foi marcada por descontração, dança, música e exposição de artesanato. Embora a participação tenha sido menor do que nas procissões anteriores, o evento continuou a celebrar a fé, a cultura e a luta contra a intolerância religiosa.

A procissão à Xangô em Caldas Novas demonstra como o sincretismo religioso, uma característica que misturou elementos das religiões africanas com o catolicismo, desempenhou um papel significativo na preservação das tradições religiosas afro-brasileiras. Essa adaptação criativa permitiu que os africanos escravizados mantivessem suas crenças e práticas espirituais, apesar das pressões da religião dominante. Por meio do sincretismo, os Orixás foram associados aos santos católicos africanos, criando uma fachada aceitável para as práticas. Essa estratégia engenhosa de preservação cultural comprovada na formação de religiões sincréticas distintas, como o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda.

Além disso, o sincretismo religioso contribuiu para a formação da identidade afro-brasileira. Ele permitiu que as comunidades afrodescendentes mantivessem suas opiniões espirituais enquanto, ao mesmo tempo, participavam da religião dominante e da sociedade brasileira em geral. Essa dualidade é um testemunho da resiliência e da habilidade de adaptação dessas comunidades diante de condições históricas adversárias.

A Procissão à Xangô em Caldas Novas, Goiás, é um exemplo marcante de como as religiões afro-brasileiras são vivas e vibrantes na sociedade contemporânea. A realização anual desse evento representa muito mais do que uma simples procissão religiosa; ela é um ato de resistência contra a intolerância religiosa e uma celebração da diversidade espiritual. Líderes religiosos como Pai Wellington de Xangô e Mãe Flor de Oxum desempenham um papel crucial na organização desse evento, unindo comunidades e compartilhando sua fé e cultura com um público mais amplo.

Em 2023, a Procissão em Xangô apresentou desafios, incluindo dificuldades financeiras e falta de apoio local. No entanto, a comunidade afro-brasileira de Caldas Novas declarou sua resiliência ao adaptar o evento e garantir que ele continue a ser uma plataforma para a promoção do respeito à diversidade religiosa. As palestras, debates e apresentações culturais destacaram



a importância e a valorização das religiões de matriz africana, bem como a inclusão das comunidades LGBTQIA+ dentro dessas tradições espirituais.

Embora tenhamos feito progressos significativos na relação à tolerância religiosa, a intolerância persiste em muitas partes do mundo, incluindo o Brasil. A discriminação religiosa é um problema real que afeta a vida de muitas pessoas, especialmente aquelas que seguem tradições religiosas minoritárias. A Procissão a Xangô em Caldas Novas nos lembra da importância de combater a intolerância religiosa em todas as suas formas.

Para construir uma sociedade verdadeiramente tolerante e inclusiva, é essencial considerar e respeitar todas as culturas e religiões. Isso significa promover o diálogo inter-religioso, educar as gerações futuras sobre a diversidade religiosa e garantir que as leis e políticas públicas protejam os direitos religiosos de todos os cidadãos. A experiência da Procissão a Xangô nos mostra que a celebração da diversidade religiosa pode ser uma força poderosa para a mudança social e a construção da paz.

As religiões afro-brasileiras e os Orixás são tesouros culturais que enriquecem o Brasil de maneira única. Suas histórias, rituais e tradições oferecem uma visão fascinante da espiritualidade e da identidade afrodescendente. Além disso, essas religiões desempenham um papel importante na luta contra a intolerância religiosa e na promoção da inclusão.

À medida que refletimos sobre as complexidades dos Orixás e o significado do sincretismo religioso, somos lembrados de que a espiritualidade humana é multifacetada e diversa. Celebrar essa diversidade e respeito a todas as ideias é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa.

Portanto, à medida que continuamos a aprender e crescer, que podemos valorizar e respeitar as religiões afro-brasileiras, reconhecendo o papel vital que desempenham na riqueza da herança cultural do Brasil. Que possamos também trabalhar juntos para combater a intolerância religiosa em todas as suas formas, para que todas as pessoas possam viver suas vidas espirituais com liberdade e dignidade. É assim que construímos um futuro mais inclusivo e compassivo para todos.



Considerações Finais

Este artigo nos levou a uma jornada pelo rico mundo das religiões afro-brasileiras e pelas deidades sagradas conhecidas como Orixás. Através das lentes das compreensões teóricas de estudiosos como Pierre Verger e Reginaldo Prandi, exploramos a complexidade dessas tradições espirituais que desempenham um papel vital na cultura e na identidade do Brasil. Além disso, examinamos como o sincretismo religioso moldou essas religiões e como a Procissão a Xangô em Caldas Novas, Goiás, servem como um exemplo vivo de resistência contra a intolerância religiosa.

Ao longo deste artigo, enfatizamos repetidamente a complexidade dos Orixás. Não podemos subestimar a riqueza e a profundidade dessas divindades espirituais. Eles não são apenas figuras mitológicas ou ídolos, mas entidades espirituais que desempenham papéis diversos nas vidas das comunidades afro-brasileiras. São ancestrais divinizados, guardiões, curandeiros, protetores e guias espirituais. Suas histórias e características variam de acordo com a tradição religiosa específica, e cada um deles é venerado de maneira única. Portanto, considerar a complexidade dos Orixás é fundamental para apreciar a profundidade das religiões afro-brasileiras.

Referências

PRANDI, Reginaldo. **Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VERGER, Pierre. **Orixás**. Edizioni Associate, 2005.